



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

REPRESENTAÇÕES DE JOVENS ARACAJUANOS EM TORNO DOS ESTUDOS E DO TRABALHO: ATIVIDADE DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA EM SOCIOLOGIA

BRUNNO DE FARIAS PEREIRA

TÂMARA MARIA DE OLIVEIRA

EIXO: 7. EDUCAÇÃO, TRABALHO E JUVENTUDE

RESUMO. Este texto refere-se a uma atividade que o PIBID/UFS-Ciências Sociais desenvolveu junto a alunos de uma escola parceira no segundo semestre de 2015, realizando-se como primeira parte de uma sequência didática cuja etapa final será a elaboração/execução de planos de aula sobre a temática da juventude, partindo da coleta de representações sociais dos próprios alunos da escola. Os resultados preliminares da análise dessa primeira etapa realizada trouxeram indicações significativas das relações dos jovens brasileiros ao trabalho e aos estudos que nos levaram a traçar articulações entre as representações dos alunos pesquisados, as mudanças no mundo do trabalho, relações negativas aos estudos (instrumental, apática ou ansiosa) e, a pertinência do ensino médio da sociologia diante de tal contexto educacional e societário.

PALAVRAS-CHAVE: representações juvenis; estudos e trabalho; iniciação à docência.

RÉSUMÉ. Ce texte concerne une activité développée par le PIBID/UFS-Ciências Sociais avec des élèves du secondaire d'une école partenaire pendant le deuxième semestre 2015, qui a été faite en tant que première partie d'une séquence didactique dont le dernier étage sera l'élaboration/l'exécution de cours thématiques sur la jeunesse, en partant de la cueillette de représentations sociales des élèves eux-mêmes. Les résultats préliminaires de l'analyse des données de cette première partie ont révélé des indicateurs significatifs concernant les relations des jeunes Brésiliens au travail et aux études, permettant d'établir articulations entre les représentations des élèves interviewés, les changements au monde du travail, des relations

négatives aux études (instrumentale, apathique ou anxieuse) et, la pertinence de l'enseignement de la sociologie dans le secondaire, devant un tel contexte éducationnel et sociétal.

MOTS-CLÉ: représentations juvéniles; études et travail; initiation à l'enseignement

1- Motivações e Representações dos Alunos sobre Estudos e Trabalho

Este texto refere-se a uma atividade que o PIBID/UFS-Ciências Sociais desenvolveu junto a alunos de uma escola parceira no segundo semestre de 2015, realizando-se como primeira parte de uma sequência didática cuja etapa final será a elaboração/execução de planos de aula sobre a temática da juventude, partindo da coleta de representações sociais dos próprios alunos da escola. A etapa realizada, da qual desenvolvemos este texto, foi a de construção de dados de representações sociais com os próprios alunos de uma escola parceira sobre os temas estudos, trabalho, sonhos de vida futura e sobre a importância do estudo e do trabalho para a realização desses sonhos .

Ela inspirou-se no método de *intervenção sociológica* em sessões fechadas (Touraine, 1978; Dubet, 2007), usou a técnica da entrevista coletiva e foi aplicada em uma turma de 3º ano do Colégio Atheneu – dividida em três grupos pelos próprios alunos. Da análise de conteúdo das respostas de cada grupo surgiram três tipos de orientação motivacional e simbólica: a dos *incomodados da escola*; a dos *desafinados da escola*; e dos *afinados da escola*. Mas a comparação entre os grupos também revelou semelhanças. Sendo assim, nos concentraremos nas diferenças para revelar os traços singulares de cada grupo, mas apontaremos as semelhanças também, porque enquanto as primeiras exprimem a diversidade concreta dos jovens, as segundas revelam traços comuns de suas motivações e representações sobre estudos, trabalho e sonhos de futuro. Descrevemos abaixo os principais resultados de cada grupo analisado/comparado[1].

Os incomodados da escola. Não foram raros os *incomodados* que declararam gostar de estudar em si, para aprender, mesmo quando reconhecem espontaneamente que estudar é cansativo e tira o tempo para o lazer e o descanso. Entretanto, quase todos os que afirmaram gostar de estudar manifestaram também que esse gosto é atrapalhado ou mesmo travado pela escola – ou porque as aulas não são dinâmicas como os jovens atuais precisariam ou por conta de problemas infraestruturais da escola. Além disso, a maioria dos *incomodados* não declarou que gosta de estudar em si, para aprender, e sim porque considera que estudar é necessário para se alcançar o que se quer, como bom emprego, etc., ou seja, estudar para os *incomodados* é mais um *meio* (recurso; instrumento, daí relação instrumental) para atingir outras finalidades do que um fim em si. Já quando falaram sobre suas dificuldades com os estudos, os *incomodados* soltaram o verbo contra a escola: a instituição apareceu como grande alçapão, como causa comum de suas

dificuldades. Falou-se novamente na falta de dinâmica das aulas e nos problemas infraestruturais, falou-se no excesso de escola devido ao ensino integral, no excesso de pressão para o ENEM, etc. Mas o que singularizou esse grupo e nos faz nomeá-lo *os incomodados* foi o conteúdo mais repetido e aceito sobre suas dificuldades nos estudos): a escola é declarada como um espaço de desigualdades entre alunos, porque professores, direção e coordenação estariam voltados quase exclusivamente para os melhores, sendo indiferentes aos demais e assim desmotivando-os.

Outro traço que distingue claramente *os incomodados* dos outros grupos se refere à motivação ou não que eles manifestaram para conciliar estudos superiores e trabalho. Os dois outros grupos declararam bastante ter motivação para conciliá-los, enquanto entre *os incomodados* apenas uma pessoa afirmou querer trabalhar para conseguir dinheiro, mesmo assim declarando rejeitar as dificuldades em conciliar faculdade e emprego.

Já na relação entre seus sonhos de vida futura e estudos, *os incomodados da escola* se aproximam demais dos *desafinados*, mas mantêm-se distantes dos *afinados*. Aquele gosto de aprender que parte deles declarou sentir (mesmo se em tensão com problemas da escola), quase desapareceu: apenas uma pessoa declarou ter um sonho de vida ligado a continuar estudando, aprendendo (pesquisa médica) e quando foram perguntados sobre a importância dos estudos para a realização dos seus sonhos de vida, *os incomodados* só manifestaram que os estudos são um meio necessário para alcançá-los, o instrumento pelo qual eles poderão enfrentar um mercado de trabalho cada vez mais difícil para quem não tem bons diplomas.

Por outro lado, quando analisamos as respostas deles sobre a importância do trabalho para a realização de seus sonhos de vida futura, um contraste aparentemente estranho com as respostas sobre os estudos revelou-se: embora o trabalho seja uma atividade diretamente ligada à aquisição de meios materiais para a realização de sonhos, enquanto os estudos só o sejam indiretamente, a maioria dos *incomodados* que falaram não pensam que o trabalho seja um mero meio estratégico para realizar seus sonhos; para eles o trabalho é fonte de experiência ou de reconhecimento – ou seja, de qualidades ligadas à satisfação consigo mesmos e à sua identidade, ou seja, o trabalho aparece como componente de seus próprios sonhos e não apenas como meio necessário para aquisição de recursos materiais. Passemos para o próximo grupo.

Os desafinados da escola. Em certos temas eles se aproximam dos *incomodados*, mas em outros se aproximam dos *afinados*. Quando nossos bolsistas perguntaram se eles gostam de estudar, a resposta veio quase em uníssono: NÃO! Mas a continuação da entrevista revelou que essa rejeição não tem a unanimidade que esse NÃO gritado indicava, embora *os desafinados* sejam, efetivamente, o grupo em que o gosto de estudar em si, de aprender, adquirir

apareceu menos. Como no caso dos *incomodados*, o que mais apareceu foi uma relação instrumental aos estudos. ou seja. os que falaram no grupo. em sua maioria. pensam que estudar

é meio necessário para outras finalidades (“o futuro depende disso”; “melhorar a posição social”, etc.). São eles também os que mais manifestaram falta de vontade ou até desgosto dos estudos em si, independentemente do que pensam sobre a escola, um deles chegando a declarar que estudar é uma imposição insuportável, uma obrigação para quem é pobre. Alguns *desafinados* também colocaram a escola como causa de suas dificuldades, mas em proporção bem menor do que *os incomodados* e se referindo apenas ao excesso de escola devido ao ensino integral ou a problemas infraestruturais (salas quentes, mudança do prédio...).

Sendo assim, se para *os incomodados* o maior problema é a escola, porque ela seria indiferente aos alunos que não estão entre os melhores, para *os desafinados* o maior problema é ter que estudar mesmo. E foi por essa singularidade que os batizamos: eles não estão em tensão com a escola como *os incomodados*, mas parecem estar dançando música diferente daquela da escola e dos estudos fornecidos por ela. Mas, como disse o imenso João Gilberto numa de suas mais célebres canções, “os desafinados também têm um coração”. E uma cabeça também, acrescentamos, porque muitos sociólogos da educação contemporâneos nos ajudam a entender como e porque gostar de estudar é sentimento em diminuição crescente entre alunos de muitos sistemas de ensino contemporâneos (não só o brasileiro, mas o francês como outro exemplo, para não dizer que não falamos dos que acreditamos ser países só de ricos).

Como já sugerimos, quando perguntados sobre a importância dos estudos para seus sonhos de vida futura, *os desafinados* quase não se distinguiram dos *incomodados*. Majoritariamente os estudos aparecem como mero meio para se alcançar bom emprego, independência ou boas condições financeiras – apenas uma pessoa colocou que a importância dos estudos está no aprendizado de novas coisas, mas sem esquecer de dizer antes que estudar é cansativo. Além disso, como também ocorreu com *os incomodados*, foi quando falaram na importância do trabalho para a realização de seus sonhos futuros que *os desafinados* se afastaram de preocupações ou motivações materiais ou instrumentais, ligadas diretamente ao mercado de trabalho, para se referirem a qualidades ligadas à satisfação consigo mesmos. Só que esse deslocamento dos sonhos do espaço dos conhecimentos para o espaço do próprio trabalho é muito mais intenso e nítido com estes *desafinados* do que com aqueles *incomodados*. Assim, a maioria dos que falaram pensam que o trabalho ou emprego ou profissão devem ser escolhidos para a realização de si mesmos e alguns deles foram mais longe ainda: emprego ou profissão escolhidos só por razões financeiras resultam em stress, depressão e infelicidade. Neste sentido, tendemos a interpretar que: para *os desafinados*, o sonho de vida está articulado às suas expectativas de trabalho e de profissionalização; profissão, trabalho e emprego são identificados em seu discurso; e estudar é um estorvo do qual eles conhecimentos pretendem escapar assim que puderem.

Os desafinados da escola, assim como o próximo grupo que descreveremos, declararam bastante ter motivação para conciliar estudos superiores e trabalho – ao contrário dos *incomodados*. como

já assinalamos. Além disso, foram o único grupo que declarou em proporção não desprezível que sua motivação para trabalhar e estudar ao mesmo tempo tem razões em carência econômica, não apenas em busca de independência. Outra singularidade neste assunto está no fato de ter sido o único grupo em que alguém declarou uma recusa categórica do trabalho. Ou seja, embora eles sejam o grupo que mais declarou motivação para trabalhar e estudar concomitantemente depois do ensino médio e o que mais expressiu uma visão do trabalho associada à realização de si, também são o único em que alguém expressiu claramente não gostar da perspectiva de trabalhar e ponto final. Passemos ao último grupo.

Os afinados da escola. Não é que eles não tenham problemas com a escola; têm sim, a maioria dos quais próximos dos colocados pelos outros grupos, tais como: excesso de escola devido ao ensino integral, que lhes tira tempo para outras atividades; problemas infraestruturais do prédio novo; aulas excessivamente conteudísticas, etc. Mas além de declararem um gosto de aprender na mesma proporção que os *incomodados*, às vezes de modo mais profundo (“Estudar é conhecimento, é você se libertar do seu mundo, é conhecer outras verdades. Eu amo estudar”), apenas um *afinado* declarou ter uma relação instrumental aos estudos, quando estes aparecem como meio necessário para aquisição de trabalho financeiramente digno. Outros calaram-se e não se pode dizer se concordam com os amantes ou com o único utilitarista dos estudos assumido. Mas a verdade é que, embora listem diversos problemas da escola, este grupo é o mais simpático ao ensino integral (apesar de reconhecerem que isso lhes tira tempo em demasia) e o único com pessoas que declararam não ter nenhuma dificuldade com os estudos – uma porque pensa que só tem dificuldades aqueles que quebram o ritmo saindo e voltando da escola; outra porque pensa que gostar de estudar é uma espécie de antídoto contra as dificuldades. Por outro lado, essa afinção com a melodia da escola e dos estudos que ela fornece parece gerar uma emoção difícil que não apareceu claramente nos outros grupos, mas que os *afinados* manifestaram em proporção relativamente importante: a ansiedade – ou por recearem reprovação no ENEM ou por não saberem bem que curso escolher.

Lançamos a hipótese de que essa ansiedade se articula à manifestação de um ceticismo intenso quando os *afinados* foram chamados a falar dos seus sonhos de vida futura, embora isso tenha sido emitido por apenas duas pessoas – uma dizendo que sua experiência pessoal lhe ensinou que seus sonhos nunca dão certo; mas a outra exteriorizando a causa de seu ceticismo, dizendo que teria sido causado porque professores a declararam incapaz de estudar o que ela queria. Levantamos essa hipótese porque muitos são os resultados de pesquisas em ciências sociais (como as de F. Dubet) argumentando que a pressão para os exames de ingresso no ensino superior, associada à lógica hipercompetitiva de muitos sistemas ou estabelecimentos de ensino, têm consequências perversas sobre muitos alunos, principalmente porque ter sucesso nos estudos vira uma obrigação tão totalizante para eles (já que aprendem desde a alfabetização que fracassar nos

estudos é fracassar na vida) que os torna facilmente vulneráveis à ansiedade, à depressão e, talvez, ao ceticismo. Considerando-se que *os afinados* são os que parecem dançar a melodia mais sintonizada com a da escola e que esta (o Atheneu Sergipense) seja um estabelecimento com maiores chances do que a maioria dos colégios públicos no que diz respeito à preparação para os exames competitivos de ingresso no ensino superior, seria razoável supor que *afinados* podem desafinar suas próprias forças buscando dançar a música do ENEM, do vestibular e de outros vampiros do tempo.

No que diz respeito ao que *os afinados* declararam sobre conciliar estudos superiores e trabalho, eles estão mais para a grande adesão dos *desafinados* do que para a desmotivação quase total dos *incomodados*. Além disso, são o grupo com mais pessoas que já tiveram experiência de trabalho (mesmo se informal e/ou fortemente enquadrado por redes familiares ou de amigos) e o que mais exprimiu localizar na escolha do curso e da profissão o caminho para a realização de si e dos sonhos – como o de viagens regulares –, indicando que as motivações dos *afinados* relativas ao trabalho/emprego, embora sejam também positivas, não se associam à percepção de uma carência econômica como nos *desafinados*, nem aparece como componente de seus próprios sonhos de vida futura – caso dos *incomodados* e mais ainda dos *desafinados*. Com efeito, foi o grupo onde mais se declarou uma relação meramente estratégica ou instrumental ao trabalho/emprego, deslocando para outros espaços e atividades a realização de si e de seus sonhos, revelando uma diferença fundamental em relação aos outros: não é o trabalho ou o emprego que se apresentam como um valor articulado à realização de si ou dos sonhos, mas a formação profissional, indicando talvez que os *afinados* traçam uma linha de continuidade de sua relação positiva aos estudos até sua profissionalização mas que, ao contrário dos outros, parecem ter o trabalho/o emprego como valor periférico ou como mero meio para aquisição de boas condições materiais. Em suma: enquanto os *incomodados* e os *desafinados* têm uma relação instrumental preferencialmente aos estudos, os *afinados* a têm preferencialmente em relação ao trabalho/emprego.

II- Jovens Aracajuanos como Juventude Trabalhadora Brasileira: Problemas Sociais e Sociológicos em torno dos Estudos e do Trabalho[1]

Quando analisamos os dados, ficamos inicialmente surpresos com os resultados comparativos das respostas sobre o trabalho e sobre os estudos. Nós esperávamos que a relação entre trabalho/sonhos de vida fosse muito mais instrumental do que subjetivamente valorativa, tendo em vista que o trabalho é um espaço imediatamente ligado ao mercado e à aquisição de condições materiais de vida, enquanto que os estudos são um espaço imediatamente ligado ao conhecimento, ou seja, à abertura dos indivíduos ao mundo que os cerca, logo, *a priori* articulados a uma valoração subjetiva. Mas apenas em um dos três grupos (*os afinados da escola*) o trabalho

apareceu majoritariamente nessa função periférica, deslocando para outras atividades seu espaço de realização pessoal ou de satisfação com a vida. Para os dois outros grupos (*incomodados e desafinados da escola*) o trabalho apareceu majoritariamente como atividade diretamente articulada à identidade subjetiva: aquisição de experiência, reconhecimento e satisfação com a vida.

E quando analisamos o tema dos estudos, mais uma vez os *afinados da escola* foram minoritários: foram eles que exprimiram com mais intensidade o gosto dos saberes, da abertura ao mundo que estudar pode proporcionar, independentemente dos sacrifícios que os estudos podem impor à vida juvenil. Além disso, enquanto os dois grupos problemáticos com os estudos ou com a escola tendem a identificar profissão, trabalho e emprego, os *afinados* tendem a distinguir profissão (representada como formação em curso superior, ou seja como continuação dos estudos) de trabalho e emprego, confirmando sua preferência valorativa dos estudos em detrimento do trabalho, embora sejam o grupo onde mais pessoas declararam já ter tido experiência no mundo do trabalho. Mas na maioria da turma predominou uma relação negativa aos estudos, sobretudo *instrumental*, mas também de desgosto *apático* (nos *desafinados*), além de uma forte expressão de ressentimento para com a escola (nos *incomodados*).

Esse contraste entre valorização subjetiva do trabalho e valorização meramente instrumental dos estudos na maioria da fala dos alunos contraria a tese de Claus Off (1989, *apud* Guimarães, 2011) sobre os efeitos das mudanças do mundo do trabalho, tese esta que fez furor na virada do século XX para o XXI na sociologia, segundo a qual, por ter se tornado *objetivamente disforme*, o trabalho teria também se tornado *subjetivamente periférico*, não valorizado na construção das identidades subjetivas. Vejamos como Nadya Guimarães (2011) sintetiza os impactos dessa tese sobre estudiosos do mundo do trabalho interpretando a relação contemporânea dos jovens ao trabalho:

[Uma] sorte de "passagem pré-programada" dá lugar mais recentemente a uma situação de "inserção aleatória"(...): rompe-se a equiparação entre trabalho e emprego remunerado(...); cai por terra o modelo do trabalhador permanente e contratado a tempo completo (multiplicando-se as formas alternativas de trabalho, como tempo parcial, auto-emprego, trabalho no domicílio, entre outros); e saem de cena os contratos de longa duração, em que o vínculo empregatício "casa" o trabalhador a um mesmo empregador por toda (ou quase toda) a sua vida produtiva (de sorte que o emprego deixa de ser uma salvaguarda para o desemprego. (Guimarães, (2011, p. 155) (...)Ante a intensidade com que foram tocados pela incerteza e pela transitoriedade dos vínculos, que faz do desemprego juvenil o principal componente do recente fenômeno do "desemprego de

massa”, os jovens teriam reagido antecipando uma mutação cultural que estaria (para o conjunto da sociedade) apenas prenunciada como horizonte. Antecipando o fim da centralidade do trabalho, assumiram a condição de “exilados do trabalho”, tal como a qualifica Gorz [1997], antes mesmo que esta se impusesse de modo socialmente mais amplo.(Guimarães, 2011[2005], pp. 156/157)

Mas outras tendências da sociologia do trabalho, com pesquisas em apoio, não aceitaram essa tese. Antes de tudo porque ela idealizaria o trabalho juvenil entre a segunda guerra mundial e o final dos anos 1970 como uma “passagem pré-programada” que foi substituída por uma “inserção aleatória” com as mudanças no mundo do trabalho, quando na verdade,

(...)nem tudo eram flores para os jovens. De fato, a incerteza que hoje contamina as trajetórias profissionais dos trabalhadores “maduros” era destacada, desde então, como uma característica dos percursos ditos “juvenis”, tanto nos momentos de auge como nos momentos de retração cíclica da oferta de empregos. Isso porque, na sua condição de “recém-chegados” ao mercado de trabalho, via de regra eximidos da responsabilidade de chefia do grupo familiar (e da função de provedor que a ela se associa), adolescentes e jovens expressavam uma grande rotatividade (...), em sua busca do “emprego certo”(...) - Guimarães, 2011, p. 156

Além disso, como afirma Guimarães (2011), sé é válido afirmar que “transformações no trabalho põem em cheque antigos valores, ao tempo em que reestruturam novas formas de produzir bens e serviços, esse movimento não é unidirecionado, nem por seu conteúdo, nem por seus atores” (Guimarães, 2011, p. 171). Melhor dizendo, não há correspondência precisa entre um trabalho “objetivamente disforme” e uma valoração “subjetivamente periférica”, porque as mudanças são complexas e porque a situação dos jovens diante do mercado de trabalho, além de historicamente problemática, tem a marca da heterogeneidade.

Neste sentido, nossos dados exploratórios e qualitativos vão na mesma direção dos dados de pesquisas empíricas no Brasil e em países com estrutura demográfica e de mercado de trabalho próximos (como o México ou a Argentina), os quais revelam que nossos jovens, longe de sentirem-se exilados do trabalho, produzem novos e diferentes sentidos subjetivos para essa atividade. Em pesquisa nacional feita em 2003 (Abramo/Branco, 2011[2005]), os jovens brasileiros, segundo Nadya Guimarães (2011), exprimem, com razão, um forte sentido de risco e vulnerabilidade em relação ao trabalho, elegendo-o como 2º maior problema (o primeiro foi segurança, com apenas 1% a mais de escolha). E representam o trabalho como necessidade, direito a ser suprido e mesmo como valor ético - valor da “dedicação ao trabalho” que, embora em

bem menor proporção do que religiosidade e “temor a Deus”, também apareceu como valor principal numa sociedade ideal, em equivalência com um valor geralmente tido como tipicamente juvenil, qual seja o da liberdade individual.

Seguindo ainda Nadya A. Guimarães (2011), que se debruçou sobre os dados brutos da pesquisa de 2003 acima citada, a peculiaridade objetiva dos jovens de um país como o Brasil é que se trata de uma juventude trabalhadora: em torno de 33% ingressava no trabalho ainda criança ou adolescente, experimentando diretamente as transformações no mundo do trabalho e a deterioração de suas chances de inclusão positiva (estão majoritariamente no trabalho informal e recebendo até dois salários mínimos; 1/3 deles ultrapassa 8 horas de jornada). Em tal contexto objetivo, se as mudanças do mundo do trabalho põem em questão a ética do trabalho da primeira modernidade, isso não vai implicar em descentralização do sentido do trabalho para os jovens, mas, pelo contrário, resultar numa pluralidade de significados, entre os quais: provedor de necessidade; direito a ser suprido; independência; crescimento; autorrealização; e até mesmo ético (dedicação ao trabalho como valor numa sociedade ideal). E é verdade que, se do ponto de vista objetivo a maioria dos alunos do Atheneu entrevistados ainda não está na PEA, os sentidos do trabalho que eles exprimiram estão em consonância com os que apareceram nessa pesquisa nacional e também na pesquisa de B. Charlot (2006) sobre jovens sergipanos, realizada a pouca distância dessa pesquisa nacional. Sobretudo os mais articulados à construção da identidade e da autorrealização – experiência, reconhecimento e satisfação com a vida –, apesar da distância de 12 anos entre a pesquisa quantitativa nacional e nossa entrevista coletiva.

Por outro lado, o sistema escolar brasileiro é uma variável importante da condição de vulnerabilidade e risco que parte dos jovens brasileiros vive e representa em relação ao trabalho, tendo em vista que as classes popular e média instável sofrem de uma “intensa deterioração das condições do mercado de trabalho para trabalhadores sem níveis educacionais adequados” (Guimarães, 2011, p. 169). A reprovação, a evasão e o atraso escolar continuam a atingi-los fortemente, sob um modelo fortemente desigual e segregativo de oportunidades escolares. Ora, o público do Atheneu é predominantemente de classe média instável ou popular e os 3 grupos compostos espontaneamente pela turma entrevistada revelou que aqueles que têm mais problemas com os estudos e/ou a escola (*os incomodados* e *os desafinados*) são os mesmos que investem seus sonhos e expectativas de vida futura mais no trabalho do que na continuação dos estudos.

Foram esses dois grupos que imprimiram, na análise da entrevista coletiva da turma, a marca de uma continuidade negativa em sua relação aos estudos (da instrumental à de desgosto apático) ou à escola (sobretudo a de ressentimento diante do que eles representam como descaso de seus responsáveis pelos alunos não excelentes, ou seja, não claramente competitivos no ENEM). E mesmo os afinados da escola, dançando animadinhos a melodia dos saberes escolares, da pressão

por excelência, do imperativo categórico do ENEM e de outras cobranças competitivas o dia inteiro, num prédio improvisado, calorento e com comida ruim (segundo eles mesmos), muitas vezes falaram em cansaço e revelaram a marca de uma ansiedade escolar que chegou a se manifestar como ceticismo agudo na fala de uma aluna.

Então articulemos: em suas falas sobre estudos e escola, os *incomodados* e os *desafinados* são os que mais exprimem problemas com os estudos ou com a escola – e isso é um indicativo concreto de que são vulneráveis à reprovação, ao atraso ou à evasão escolares; embora tenhamos falhado na coleta de dados complementares que confirmassem nossa observação, temos indícios de observação direta que nos levam a lançar a hipótese de que os grupos do Atheneu espontaneamente compostos revelam um corte de classe social: os *afinados* provavelmente sobre representados por alunos com condições socioeconômicas superiores à média do público do Atheneu; os *incomodados* provavelmente sobre representados por alunos com condições de classe média instável; os *desafinados* provavelmente sobre representados por alunos com condições de classe popular. Sendo assim, são os *incomodados* e os *desafinados* são os que terão mais dificuldades de inserção não precária no mercado de trabalho, embora seja no trabalho que eles prefiram apostar mais suas fichas de reconhecimento e satisfação com a vida.

Talvez esses dois grupos tenham essa preferência simplesmente porque experimentam concretamente os problemas de uma escola submetida a uma lógica competitiva, reprodutiva e produtiva de desigualdades (Bourdieu/Passeron, 1970; Dubet, 2008; van Zanten, 2009) enquanto têm uma relação apenas abstrata com o mercado de trabalho, podendo mais facilmente transferir para esse espaço desconhecido suas expectativas e sonhos de futuro – já que sua experiência escolar não ajuda a sonhar com o prolongamento dos estudos como caminho de satisfação com a vida. Por outro lado, os *afinados* parecem menos vulneráveis a reprovação, atraso ou evasão escolares por razões de relação negativa aos estudos ou à escola (e provavelmente também por origem social), mas são vulneráveis a uma ansiedade potencialmente prejudicial ao longo percurso de escolarização que eles pretendem perfazer, posto que tal ansiedade seja articulada a uma lógica escolar competitiva que seleciona/elimina alunos sob a falsa “boa consciência” de buscar excelência e se sustentar na competição entre escolas por aprovações no ENEM e outros vestibulares.

Diante das representações e articulações analítica acima colocadas, confirmou-se que os recursos teórico-metodológicos do subprojeto Pibid/UFS-ciências sociais estão em sintonia com a necessidade de contribuir para que alunos cujas condições sociológicas e trajetórias escolares os tornam vulneráveis à reprovação, ao atraso, à evasão ou à ansiedade escolares possam desenvolver uma refletividade empiricamente fundamentada diante de seus problemas escolares e de suas chances futuras no mercado de trabalho.

Conclusões

Os dados da atividade que realizamos revelou que as relações dos jovens com os quais atuamos nas escolas parceiras, assim como boa parte dos jovens brasileiros, podem ser frustrados em suas expectativas de trabalho, posto que a maioria desloca para esse espaço seus sonhos de futuro, mas são sociologicamente mais vulneráveis à deterioração das condições do mercado de trabalho quanto mais desenvolvem relações negativas aos estudos e/ou à escola e, em sua maioria, esses alunos exprimiram ter problemas com os estudos e/ou com a escola – o que os coloca dentro da importante parcela de jovens brasileiros de classe popular ou média instável sem nível de escolarização adequado ao mercado de trabalho:

[a] verdade é que a equação **estudar + arranjar emprego = poder consumir muito**, equação propagada como uma espécie de imperativo categórico às novas gerações, desde que começam a dar seus primeiros passos pelas mais diversas fontes de sua socialização fragmentada e acelerada, tem se mostrado cada vez mais difícil de ser resolvida para jovens de carne e osso que não são herdeiros de boas condições socioeconômicas, ou seja, para a maioria dos jovens contemporâneos. Daí a relação instrumental (para aqueles que têm chances reais ou imaginárias para conseguir emprego qualificado e alcançar um nível de consumo ideal), apática ou violenta que muitos deles mantêm com a escola (para aqueles que se percebem sem chance nessa competição cega por diplomas, empregos e nível de consumo). (Oliveira, 2015. No prelo)

A etapa da sequência didática realizada demonstrou que a construção do conhecimento sobre juventude, trabalho e estudos partindo do diálogo com os próprios alunos conseguiu abrir sua motivação a refletir sobre esses temas, possibilitando que possamos retornar às escolas para apresentar conhecimento teórico e empírico sobre problemas que eles próprios enfrentam com os estudos e enfrentarão em sua inserção no mercado de trabalho. Acreditamos que a motivação inicial que os alunos demonstraram pode ser nutrida porque a continuação da sequência didática irá integrar a motivação espontânea dos alunos para falar de assuntos que lhes são significativos à necessidade de esforço intelectual para entender como seus problemas com os estudos ou suas expectativas de trabalho têm laços de interdependência com certas estruturas sociais – como o mercado de trabalho e o sistema de ensino onde estão inseridos.

Assim, numa dinâmica circular entre dimensões gratificantes, prazerosas e socializadoras de aprender (entrevista coletiva e restituição sociológica) e dimensões cansativas, exigentes e responsáveis do mesmo aprender (como o estudo e a produção de textos sobre pesquisas sobre os mesmos temas com os quais eles dialogaram conosco), eles podem compreender que estudar

também é trabalhar e que não se realiza sem dificuldades, erros, recuos e paciência. Características opostas a um contexto institucional de aprender e ensinar impregnado por representações sociais (Moscovici, 2004) que valorizam a competição, a desigualdade e a segregação escolares, produzindo relações negativas aos estudos (em nosso caso: instrumental, apática ou ansiosa) e, contribuindo para que esses jovens fracassem também no espaço onde, em sua maioria, depositam preferencialmente suas esperanças de futuro: o do mercado de trabalho. Mas tal contexto institucional pode ser trabalhado com recursos teórico-metodológicos da sociologia e demais ciências sociais no sentido de aumentar o sentimento de valor dos alunos diante de seu próprio conhecimento cotidiano, à medida que as outras etapas da sequência didática revelem que esse conhecimento é pertinente diante das condições estruturais da educação formal e do mercado de trabalho onde eles experimentam sua condição juvenil plural e problemática.

[A] única maneira de evitar que a escola transforme-se completamente num mercado seria fixar objetivos educativos para a escola: todo aluno que sai da escola deve por exemplo ter o sentimento de ter valor ou ser capaz de se exprimir em público sem ter vergonha...(Dubet, 2008).

Referências Bibliográficas

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W./BRANCO, P. M. (orgs.) *Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo/Porto Alegre: Editora Fundação Perseu Abramo/Instituto da Cidadania, 2011. p. 37-72.

BEAUD, S. *80% au bac...et après ?*

Les enfants de la démocratisation scolaire. Paris : La Découverte, 2003.

BOURDIEU, P. / PASSERON, J.-C. *Les héritiers*. Paris : Éditions de Minuit, 1964.

_____ *La reproduction : éléments pour une théorie du système d'enseignement*. Paris : Les Editions de Minuit, 1970.

CAILLÉ, A. et alii. « Présentation. Vers une autre science économique (et donc un autre monde) ? ». In : *Revue du M.A.U.S.S. Semestrielle, N° 30*. Paris : La Découverte/M.A.U.S.S., Second Semestre 2007.

CHARLOT, B. *Juventudes Sergipanas. Relatório de Pesquisa*. Aracaju: J. Andrade, 2006.

COSTA, J. F. « Perspectivas da juventude na sociedade de consumo. IN : NOVAES/VANNUCHI

(orgs.). *Juventude e sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2004.

DUBET, F. « Déscolariser la société. Rencontre avec François Dubet. » In: *Sciences Humaines*, n° 199. Paris: déc. 2008. Disponível em : [http://](http://www.scienceshumaines.com/descolariser-la-societe_fr_23000.htm)

[www.](http://www.scienceshumaines.com/descolariser-la-societe_fr_23000.htm)

[scienceshumaines.com](http://www.scienceshumaines.com/descolariser-la-societe_fr_23000.htm)

[/descolariser-la-societe_fr_23000.htm](http://www.scienceshumaines.com/descolariser-la-societe_fr_23000.htm)

|

.

_____ *L 'expérience sociologique*. Paris : La Découverte, 2007.

_____ *L'école des chances. Qu'est-ce qu'une école juste ?*

Paris : Éditions du Seuil et La République des Idées, 2004.

GUIMARÃES, N. A. "Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?"

" In: ABRAMO/BRANCO (orgs.). *Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo/Porto Alegre: Editora Fundação Perseu Abramo/Instituto da Cidadania, 2011 [2005].

LAHIRE, B. *L'Esprit Sociologique*. Paris: La Découverte, 2007.

LEVINE, D. *Visões da tradição sociológica*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1997.

MOIGNARD, B. Bande d'adolescents de la France au Brésil : comparer l'incomparable ?

In : MOHAMMED/MUCCHIELLI (dirs.). *Les bandes de jeunes : des "blousons noirs" à nous jours*. Paris : La Découverte, 2007.

MOLÉNAT, X. « Les héritiers, cinquante ans après. » In : *Sciences Humaines. Mensuel – N° 264*. Paris : Novembre, 2014.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais. Investigações em psicologia social*. Petrópolis : Vozes, 2004.

MILLS, C. W. *L'imagination sociologique*. Paris : Éditions La Découverte, 2006.

PAIS, J. M. "A construção sociológica da juventude—alguns contributos". In: *Análise Social*, vol. XXV (105-106), 1990 (1º, 2º), 139-165.

PERALVA, A. "O jovem como modelo cultural". *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 N° 5 Set/Out/Nov/Dez N° 6, pp. 15-24.

ROCHA, E./PEREIRA, C. *Juventude e consumo. Um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

SENNET, R. *O Artífice*. Rio de Janeiro/São Paulo : Editora Record, 2013.

TOURAINÉ, A. *La voix et le regard*. Paris : Éditions du Seuil, 1978.

VAN ZANTEN, A. *Chosir son école. Stratégies familiales et médiations locales*. Paris : PUF, 2009.

WEBER, M. *Metodologia das Ciências Sociais. Parte 1*. São Paulo/Campinas : Cortez/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

[1] A descrição dos resultados dos grupos foi apresentada pela co-autora deste texto numa sessão de restituição sociológica da entrevista coletiva, realizada no auditório do CECH da UFS, em 26 de fevereiro de 2006, com alunos das três escolas parceira do Pibid/UFS-Ciências Sociais. E é parte da fala da mesma coordenadora em mesa redonda do I SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA, ocorrida em 28 de abril de 2016, cujo texto preparatório será publicado nos anais do evento. [2] Uma versão deste tópico fez parte da fala da co-autora desse texto em mesa redonda do I SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA, ocorrida em 28 de abril de 2016, cujo texto preparatório será publicado pelos anais do evento.

***Brunno de Farias Pereira:** graduando em licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal de Sergipe e bolsista de iniciação do PIBID/UFS-Ciências Sociais (Programa de iniciação à docência financiado pela CAPES). E-mail: bruno.codec@gmail.com

****Tâmara Maria de Oliveira:** doutora em sociologia pela Université de Provence, professora associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe e bolsista coordenadora do PIBID/UFS-Ciências Sociais (Programa de iniciação à docência financiado pela CAPES). E-mail: tdatte@uol.com

.br

Recebido em: 30/05/2016

Aprovado em: 01/06/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: